



**NETFLIX**

AGORA UMA SÉRIE  
ORIGINAL NETFLIX

# MINDHUNTER

O PRIMEIRO CAÇADOR DE SERIAL KILLERS AMERICANO

John Douglas  
e Mark Olshaker





# **MINDHUNTER**



# MINDHUNTER

O PRIMEIRO CAÇADOR DE SERIAL KILLERS AMERICANO

John Douglas & Mark Olshaker

TRADUÇÃO DE LUCAS PETERSON



Copyright da tradução © 2017 by Editora Intrínseca  
Copyright © 1995 by Mindhunters, Inc.

Todos os direitos reservados. Esta edição foi publicada mediante acordo com a editora original, Scribner, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Mind Hunter: Inside the FBI's Elite Serial Crime Unit

PREPARAÇÃO

André Marinho

REVISÃO

Paula de Carvalho

Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D768m

Douglas, John, 1945-  
Mind Hunter / John Douglas, Mark Olshaker ; tradução Lucas  
Peterson. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca

Tradução de: Mind Hunter

Inclui índice

ISBN 978-85-510-0173-8

1. Homicídios em série. 2. Investigação criminal. I. Olshaker, Mark.  
II. Peterson, Lucas. III. Título.

17-43306

CDD: 364.1523

CDU: 343.61

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para os homens e as mulheres das unidades de Ciência Comportamental  
e Apoio Investigativo do FBI, em Quantico, Virgínia, do passado e do  
presente — companheiros de pesquisa e parceiros de jornada.*

*Ainda que escondidos sob a terra,  
Os maus atos emergirão, infames,  
Ante os olhos dos homens.*

— WILLIAM SHAKESPEARE, *Hamlet*



## SUMÁRIO

NOTA DO AUTOR	9
NOTA DA EDITORA	10
PRÓLOGO — Devo estar no inferno	11
1. Dentro da mente de um assassino	22
2. Minha mãe se chamava Holmes	34
3. Apostando em gotas de chuva	52
4. Entre dois mundos	67
5. Ciência comportamental ou uma grande besteira?	86
6. Botando o pé na estrada	99
7. O coração das trevas	123
8. O assassino terá um distúrbio de fala	148
9. Seguir as pegadas	169
10. Todos têm uma pedra	183
11. Atlanta	198

12. Um dos nossos	224
13. O jogo mais perigoso	237
14. Quem matou a queridinha do Tio Sam?	257
15. Ferindo aqueles que amamos	278
16. “Deus quer que você se junte a Shari Faye”	291
17. Qualquer um pode ser uma vítima	312
18. A batalha dos psiquiatras	332
19. Às vezes o dragão vence	356
ÍNDICE	374

## NOTA DO AUTOR

Este livro certamente é fruto de um esforço conjunto, e não poderia ter sido escrito sem os incríveis talentos e a dedicação de cada membro dessa equipe. Seus mais importantes integrantes são nossa editora, Lisa Drew, e nossa coordenadora de projeto e “produtora-executiva” (além de esposa de Mark), Carolyn Olshaker. Desde o começo, as duas compartilharam da nossa visão e nos ofereceram sua força, sua confiança, seu amor e seus bons conselhos, que nos nutriram durante o esforço de criação do livro. Estendemos igualmente nossa profunda gratidão e admiração a Ann Hennigan, nossa talentosa pesquisadora; Marysue Rucci, a competente, incansável e sempre alegre assistente de Lisa; e nosso agente, Jay Acton, que foi o primeiro a reconhecer o potencial do que queríamos fazer e depois tornou tudo realidade.

Nosso agradecimento especial vai para o pai de John, Jack Douglas, por todas as suas lembranças e por documentar com tanto cuidado a carreira do filho, o que facilitou tremendamente a nossa organização; e para o pai de Mark, o dr. Bennett Olshaker, por todos os seus conselhos e orientações em questões ligadas a medicina forense, psiquiatria e direito. Somos muito afortunados de termos as famílias que temos, cujo amor e cuja generosidade estão sempre conosco.

Por fim, gostaríamos de expressar nosso apreço, nossa admiração e nossa gratidão profunda por todos os colegas de John da Academia do FBI, em Quantico. Seu caráter e sua contribuição tornaram possível a carreira narrada nesta obra, e é por isso que este livro é dedicado a eles.

— *John Douglas e Mark Olshaker*  
Julho de 1995

## NOTA DA EDITORA

Originalmente publicada em agosto de 1996 nos Estados Unidos, esta obra reflete o ponto de vista dos autores neste período e em épocas anteriores. Além disso, para preservar a integridade do texto, a editora optou por não alterar informações relativas a eventos posteriores à primeira publicação.

## PRÓLOGO

### *Devo estar no inferno*

*Devo estar no inferno.*

Esta era a única explicação lógica. Eu estava amarrado e nu. A dor era insuportável. Meus braços e minhas pernas estavam sendo retalhados por algum tipo de lâmina. Cada orifício do meu corpo havia sido perfurado. Eu estava engasgando e com ânsia de vômito, porque tinham enfiado algo em minha garganta. Meu pênis e meu ânus haviam sido penetrados por objetos afiados, que pareciam me dilacerar. Eu estava ensopado de suor. De repente, me dei conta da situação: eu estava sendo torturado até a morte por todos os assassinos, estupradores e molestadores de crianças que mandara para a cadeia durante a minha carreira. Agora, a vítima era eu, e não havia como resistir.

Eu sabia como esses caras agiam; já tinha visto mil vezes. Eles sentiam a necessidade de manipular e dominar suas presas. Gostavam de poder decidir se suas vítimas viveriam ou morreriam, ou como morreriam. Eles me manteriam vivo enquanto meu corpo aguentasse, despertando-me sempre que eu estivesse inconsciente ou prestes a morrer, sempre infligindo o máximo possível de dor e sofrimento. Alguns podiam passar dias fazendo isso.

Queriam me mostrar que estavam no controle, que eu dependia completamente da misericórdia deles. Quanto mais eu gritasse e clamasse por alívio,

mais alimentaria suas fantasias sombrias. Se eu implorasse, regredisse e chamasse por papai e mamãe, eles ficariam realmente animados.

Era o preço que eu pagava pelos seis anos que passei caçando os piores homens do mundo.

Meu coração estava acelerado, e meu corpo ardia em chamas. Senti uma pontada terrível quando eles empurraram o palito mais para dentro do meu pênis. Uma convulsão atravessou todo o meu corpo, de tanta dor.

*Por favor, Deus, se eu ainda estiver vivo, me faça morrer rápido. E, se estiver morto, liberte-me logo das torturas do inferno.*

Foi então que vi um clarão intenso, como dizem que as pessoas veem no momento da morte. Esperava avistar Cristo, anjos, ou o Diabo — também ouvira falar disso. Mas tudo o que vi foi o clarão.

Porém, ouvi uma voz. Uma voz reconfortante e alentadora, o som mais tranquilizante que ouvira em toda a vida.

— *John, não se preocupe. Estamos tentando resolver tudo.*

É a última coisa que lembro.

“John, você consegue me ouvir? Não se preocupe. Fique tranquilo. Você está no hospital. Está muito ferido, mas estamos tentando fazer com que se sinta melhor”, foi o que a enfermeira disse de verdade. Ela não tinha a menor ideia se eu conseguia ouvi-la, mas continuou a repetir isso, suavemente, sem parar.

Embora ainda não soubesse, eu estava na unidade de terapia intensiva do Swedish Hospital, em Seattle, Estados Unidos, em coma, respirando por aparelhos. Meus braços e minhas pernas estavam atados. Tubos, mangueiras e sondas intravenosas penetravam meu corpo. Não esperavam que eu sobrevivesse. Era o início de dezembro de 1983, e eu tinha 38 anos.

A história começa três semanas antes, do outro lado do país. Eu estava em Nova York, dando uma palestra sobre a análise de perfis criminosos para um público de cerca de 350 funcionários do Departamento de Polícia de Nova York, a Brigada de Trânsito e os departamentos de polícia de Nassau e Suffolk County, em Long Island. Já havia feito esse mesmo discurso centenas de vezes, e conseguia falar quase tudo no piloto automático.

Foi então que minha mente começou a vagar. Eu sabia que continuava falando, mas estava suando frio e pensando: *Como é que eu vou dar conta de todos estes casos?* Eu estava concluindo o caso de infanticídio em Atlanta, ligado a Wayne Williams, e os assassinatos de motivação racial do caso conhecido

como “Calibre .22”, em Buffalo. Tinha sido convidado para participar do caso do “Matador da Trilha”, em São Francisco. Estava trabalhando como consultor da Scotland Yard na investigação do “Estripador de Yorkshire”, na Inglaterra. Ia e voltava do Alasca, cuidando do caso de Robert Hansen, um padeiro de Anchorage que contratava prostitutas, as levava de avião até o meio da mata e iniciava uma caçada até abatê-las. Estava lidando com um incendiário que andava atacando sinagogas em Hartford, Connecticut. E precisava viajar para Seattle na semana seguinte a fim de aconselhar a força-tarefa do rio Green no que já estava se configurando como um dos maiores casos de assassinatos em série da história dos Estados Unidos: o matador cujas presas preferenciais eram prostitutas e transeuntes que passavam pelas estradas entre Seattle e Tacoma.

Durante os últimos seis anos, eu vinha desenvolvendo uma nova abordagem para a análise de crimes, e era o único na Unidade de Ciência Comportamental que investigava casos em tempo integral. Todos os outros membros da unidade agiam mais como instrutores. Eu estava trabalhando em 150 casos abertos, sem qualquer ajuda, e passava 125 dias por ano na estrada, longe do meu escritório na Academia do FBI, em Quantico, Virgínia. Eu sofria muita pressão dos policiais locais, que também eram terrivelmente pressionados para concluir investigações, tanto pelas comunidades quanto pelas famílias das vítimas, pelas quais sempre nutri enorme empatia. Eu tentava estabelecer prioridades dentro da minha carga de trabalho, mas novos pedidos apareciam todos os dias. Meus colegas em Quantico diziam que eu parecia um michê: simplesmente não sabia dizer não aos clientes.

Em Nova York, eu prosseguia com meu discurso sobre tipos de personalidades criminosas, mas minha mente vagava outra vez para Seattle. Eu sabia que nem todos da força-tarefa estavam felizes com a minha participação no caso, o que já era esperado. Sabia que seria obrigado a convencê-los. Era o que acontecia em todo grande caso para o qual eu era chamado a fim de implementar um novo serviço que a maioria dos policiais e muitos agentes do FBI consideravam quase bruxaria. Precisaria ser convincente, sem parecer confiante ou arrogante demais. Teria que deixar claro que acreditava no trabalho minucioso e profissional realizados por eles, enquanto convencia os mais céticos de que o FBI poderia oferecer alguma ajuda. Mas possivelmente a pior parte era que, ao contrário dos agentes tradicionais do FBI, que lidavam “apenas com os fatos, senhora”, meu trabalho exigia que eu lidasse com *opiniões*.

Eu tinha plena consciência de que, caso me enganasse, poderia tirar do eixo toda uma investigação e causar mais mortes. Outra consequência igualmente grave é que isso seria um prego no caixão do novo programa de estudos de perfis criminosos e análise de crimes, o qual eu já estava me esforçando bastante para emplacar.

Além disso, havia o desgaste de viajar. Eu já tinha ido ao Alasca diversas vezes, atravessando quatro fusos horários, pegando um voo de conexão aterrorizante perto do mar e aterrissando em meio ao breu, e, quando finalmente chegava lá e me reunia com a polícia local, já estava quase na hora de pegar outro voo para Seattle.

A crise de ansiedade flutuante deve ter durado cerca de um minuto. Comecei a repetir para mim mesmo: *Ei, Douglas, acalme-se. Controle-se.* E consegui me acalmar. Acho que ninguém naquele salão se deu conta de que algo estava errado. Mas não pude deixar de lado a sensação de que alguma coisa terrível estava prestes a acontecer comigo.

Por não conseguir me livrar dessa premonição, quando voltei para Quantico, visitei o departamento de recursos humanos e contratei um seguro de vida adicional e um seguro de renda protegida, caso eu ficasse incapacitado. Não sei bem por que fiz isso, exceto pela sensação de pavor tênue, mas poderosa, que me incomodava. Eu estava fisicamente acabado; estava me exercitando demais e provavelmente bebendo mais do que deveria para conseguir lidar com o estresse. Não conseguia dormir direito, e mesmo quando dormia muitas vezes era acordado por alguém me ligando, querendo imediatamente a minha ajuda. Quando voltava ao sono, tentava me forçar a sonhar com o caso, esperando que isso me levasse a algum insight sobre ele. Pensando nisso retrospectivamente, é fácil perceber para onde essa situação me levaria, mas, à época, não parecia haver nada que eu pudesse fazer a respeito.

Logo antes de seguir para o aeroporto, algo me fez passar na escola primária onde minha esposa, Pam, ensinava crianças com dificuldade de aprendizagem a ler, para contar que havia contratado o seguro adicional.

— Por que está me falando isso? — perguntou ela, muito preocupada.

Eu sentia uma dor terrível do lado direito da cabeça, e ela disse que meus olhos estavam vermelhos e com uma aparência estranha.

— Só queria que soubesse de tudo antes da minha viagem — respondi.

À época, tínhamos duas filhas pequenas. Erika tinha oito anos, e Lauren, três.



Para a viagem a Seattle, eu havia convidado dois novos agentes especiais, Blaine McIlwain e Ron Walker, porque queria incluí-los no caso. Chegamos à cidade aquela noite e nos hospedamos no Hilton, no centro. Ao desfazer a mala, encontrei apenas um pé do sapato preto. Ou eu tinha me esquecido de colocar o outro na mala, ou o perdera de alguma maneira no caminho. Eu faria uma apresentação para o Departamento de Polícia de King County na manhã seguinte, e concluí que não poderia ir sem meus sapatos pretos. Sempre gostei de me vestir bem, e, tomado pela fadiga e pelo estresse, acabei ficando obcecado por usar sapatos pretos com meu terno. Então, desci e perambulei apressadamente pelas ruas do centro até encontrar uma sapataria aberta. Voltei para o hotel ainda mais exausto, porém com um par de calçados adequado.

Na manhã seguinte, uma quarta-feira, fiz minha apresentação para a polícia e para uma equipe que incluía representantes do Porto de Seattle e dois psicólogos locais que haviam sido convidados para ajudar nas investigações. Todos estavam interessados no perfil que apresentei do assassino, em saber se eu achava possível haver mais de um criminoso, e que tipo de indivíduo ele (ou eles) poderia ser. Procurei salientar que, naquele tipo de caso, o perfil não seria tão importante. Eu tinha bastante certeza de que tipo de cara o assassino seria, mas também sabia muito bem que muitos homens se encaixariam naquela descrição.

Falei para eles que o mais importante a se fazer em meio àquele ciclo contínuo de assassinatos seria começar a agir de maneira *proativa*, unindo esforços da polícia e da mídia para tentar atrair o cara até uma armadilha. Sugeri, por exemplo, que a polícia organizasse uma série de reuniões na comunidade para “discutir” os crimes. Estava bastante seguro de que o assassino apareceria em uma reunião dessas, ou talvez em mais de uma. Acreditava que isso também nos ajudaria a esclarecer se estávamos lidando com mais de um criminoso. Outra manobra que eu queria que a polícia testasse era anunciar à imprensa que havia testemunhas de um dos raptos. Sentia que isso talvez levasse o próprio assassino a assumir uma “estratégia proativa”, procurando a polícia para explicar por que havia sido visto inocentemente perto da cena do crime. Mas a única coisa da qual eu tinha mais certeza era que a pessoa por trás daqueles assassinatos não desistiria.

Ofereci à equipe conselhos sobre como interrogar possíveis suspeitos, tanto os que fossem capturados quanto os muitos caras tristes e loucos que acabam se

apresentando à polícia em casos de grande visibilidade. McIlwain, Walker e eu passamos o resto do dia visitando locais onde corpos haviam sido desovados, e, à noite, quando finalmente voltamos ao hotel eu estava exausto.

Enquanto tomávamos alguns drinques no bar do hotel, tentando relaxar ao fim do dia, falei para Blaine e Ron que não me sentia muito bem. Minha cabeça ainda doía, e eu sentia que estava começando a ficar gripado, então pedi a eles que me cobrissem com a polícia no dia seguinte. Pensei que melhoraria se passasse o dia na cama. Depois de lhes desejar boa-noite, pendurei o aviso de *Não Perturbe* na porta e disse aos meus dois colegas que me reuniria com eles na manhã de sexta.

Tudo o que me lembro é de me sentir péssimo, sentar na beirada da cama e começar a me despir. Meus colegas voltaram para o Fórum de King County na quinta-feira para dar continuidade às estratégias que eu havia delineado no dia anterior. Respeitaram o meu pedido e me deixaram em paz, para descansar e tentar me recuperar da gripe.

Porém, como não dei as caras no café da manhã de sexta-feira, eles começaram a se preocupar. Ligaram para o meu quarto. Não atendi. Foram até lá e bateram na porta. Nada.

Aprensivos, retornaram à recepção e pediram ao gerente uma cópia da chave. Subiram novamente ao meu quarto e destrancaram a porta, mas estava presa com a corrente de segurança. Eles então ouviram alguns fracos gemidos vindos de dentro do cômodo.

Os dois arrombaram a porta e entraram correndo. Encontraram-me no chão, no que descreveram depois como uma posição de “sapo”, aparentemente tentando alcançar o telefone. O lado esquerdo do meu corpo estava convulsionando, e Blaine disse que eu estava “ardendo em febre”.

O hotel ligou para o Swedish Hospital, que enviou uma ambulância na mesma hora. Enquanto isso, Blaine e Ron permaneceram ao telefone com a equipe da emergência, ditando para eles os meus sinais vitais. Eu estava com 41 graus de temperatura e uma frequência cardíaca de 220 batimentos por minuto. O lado esquerdo do meu corpo paralisou e voltou a convulsionar na ambulância. Segundo o relatório médico, eu estava com “olhos de boneca”: abertos, fixos e desfocados.

Assim que chegamos ao hospital, eles me cobriram de gelo e começaram a me dar doses cavalares de fenobarbital para controlar as convulsões. O médico disse a Blaine e Ron que conseguiria apagar praticamente toda a população de Seattle com a quantidade de remédio que eu estava tomando.

Ele também avisou aos dois agentes que, apesar do enorme esforço que todos estavam fazendo para me salvar, eu provavelmente morreria. Uma tomografia revelou que a febre alta tinha provocado uma hemorragia no lado direito do meu cérebro.

“Resumindo, o cérebro dele foi praticamente torrado”, disse o médico.

Era 2 de dezembro de 1983. Meu novo seguro havia entrado em vigor na véspera.

O diretor da minha unidade, Roger Depue, foi até a escola onde Pam trabalhava para dar a notícia pessoalmente. Em seguida, ela e meu pai, Jack, pegaram um avião para Seattle a fim de ficar comigo, deixando as meninas com minha mãe, Dolores. Dois agentes do escritório regional de Seattle, Rick Mathers e John Biner, foram buscá-los no aeroporto e os levaram direto para o hospital. Foi só então que descobriram o quão grave era a situação. Os médicos tentaram preparar Pam para a minha morte e disseram que, mesmo se eu sobrevivesse, provavelmente ficaria cego ou em estado vegetativo. Pam, que é católica, chamou um padre para realizar a extrema-unção, mas, quando ele descobriu que eu era presbiteriano, recusou-se a oferecer o sacramento. Blaine e Ron o mandaram embora e arrumaram outro que não tinha tais ressalvas. E pediram a ele que rezasse por mim.

Continuei em coma, entre a vida e a morte, por toda a semana. Pelas regras da UTI, apenas familiares podiam me visitar, então meus colegas de Quantico, assim como Rick Mathers e outros do escritório regional de Seattle, rapidamente se tornaram parentes próximos.

“Você tem uma família bem grande”, disse uma das enfermeiras de maneira irônica para Pam.

Mas, de certa maneira, essa ideia de “família grande” não era apenas uma piada. Vários dos meus colegas em Quantico, liderados por Bill Hagmaier, da Unidade de Ciência Comportamental, e Tom Columbello, da Academia Nacional, organizaram uma vaquinha para que Pam e meu pai pudessem ficar em Seattle comigo. Em pouco tempo, conseguiram contribuições de policiais de todo o país. E, paralelamente, medidas já estavam sendo tomadas para trasladar meu corpo de avião a fim de ser enterrado no cemitério militar de Quantico.

No fim da primeira semana, Pam, meu pai, os agentes e o padre formaram um círculo ao redor do meu leito, de mãos dadas entre si e comigo, e rezaram por mim. Mais tarde, naquela noite, acordei do coma.

Eu me lembro de ficar surpreso ao ver Pam e meu pai e de me sentir confuso a respeito de onde estava. A princípio, eu não conseguia falar; o lado esquerdo do meu rosto estava caído, e boa parte do lado direito continuava paralisado. Minha fala começou a voltar, mas ainda estava um tanto arrastada. Depois de algum tempo, descobri que conseguia mover a perna. E, aos poucos, outros movimentos foram voltando. Minha garganta doía muito por causa do tubo de alimentação. Os médicos substituíram o fenobarbital por fenitoína, ainda no controle das convulsões. E, depois de uma bateria de testes, exames e punções na coluna, finalmente deram um diagnóstico: encefalite viral, causada ou agravada pelo estresse e pela condição geral de fraqueza e vulnerabilidade. Eu tinha sorte de estar vivo.

Mas o processo de recuperação foi lento e desencorajador. Precisei reaprender a andar. Tive problemas de memória. Para me ajudar a lembrar o nome do meu médico principal, Siegal, Pam me presenteou com a estátua de uma gaivota [*seagull*, em inglês], feita de conchas e pousada sobre uma base de cortiça. Quando o médico voltou para examinar minha atividade mental e perguntou se eu me lembrava do seu nome, respondi com a voz arrastada: “Claro, dr. Gaivota.”

Apesar do enorme apoio que eu vinha recebendo, meu processo de reabilitação me deixava imensamente frustrado. Nunca havia conseguido ficar parado ou desacelerar. O diretor do FBI, William Webster, ligou para me encorajar. Falei para ele que não achava que conseguiria voltar a atirar.

“Não se preocupe com isso, John”, respondeu ele. “O que nos interessa é a sua mente.”

Não disse para ele, mas temia não ter sobrado muito da minha mente também.

Finalmente tive alta do Swedish Hospital e voltei para casa dois dias antes do Natal. Não fui embora sem presentear as equipes de emergência e da UTI com placas que expressavam minha profunda gratidão por tudo o que haviam feito para salvar minha vida.

Roger Depue nos buscou no aeroporto Dulles e nos levou até nossa casa, em Fredericksburg, onde uma bandeira americana e uma enorme faixa com as palavras BEM-VINDO AO LAR, JOHN nos aguardavam. Eu havia emagrecido dos 88 quilos habituais para 72. Minhas filhas, Erika e Lauren, ficaram tão perturbadas com a minha aparência e com o fato de eu estar em uma cadeira de rodas que, durante muitos anos depois, elas ainda sentiam medo sempre que eu viajava.

O Natal foi bastante melancólico. Não vi muitos amigos; apenas Ron Walker, Blaine McIlwain, Bill Hagmaier e outro agente de Quantico, Jim Horn. Deixei a cadeira de rodas, mas ainda tinha dificuldade para me locomover e para acompanhar uma conversa. Chorava por qualquer coisa e não podia confiar na minha memória. Quando Pam ou meu pai me levavam para passear de carro por Fredericksburg, notava algum prédio específico, mas não conseguia dizer se era novo ou não. Era como se eu tivesse sofrido um derrame, e não sabia se poderia voltar a trabalhar um dia.

Além disso, estava chateado com o FBI pela situação à qual eles haviam me sujeitado. Em fevereiro do ano anterior, eu havia conversado com um diretor-adjunto, Jim McKenzie. Disse a ele que não estava conseguindo acompanhar o ritmo de trabalho e perguntei se podia arrumar outros funcionários para me ajudar. McKenzie compreendeu o meu pedido, mas foi realista.

“Você sabe como é esta organização”, afirmou ele. “É preciso desabar de tanto trabalhar antes que alguém reconheça o seu esforço.”

Além de achar que não estava recebendo o apoio de que precisava, sentia que meu trabalho também não era reconhecido. Na verdade, sentia que não havia reconhecimento algum. No ano anterior, depois de trabalhar como um louco no caso dos Infanticídios de Atlanta, tinha sido repreendido oficialmente pelo FBI por uma matéria publicada em um jornal da cidade de Newport News, na Virgínia, pouco depois de Wayne Williams ser capturado. O repórter me perguntou o que eu achava de Williams enquanto suspeito, e respondi que ele me parecia ser “a pessoa certa”, e que, caso isso se concretizasse, provavelmente seria considerado culpado por, pelo menos, boa parte dos crimes.

Apesar do próprio FBI ter pedido para eu conceder a entrevista, afirmaram que eu havia me expressado de maneira inadequada sobre um processo ainda em andamento. Disseram que eu havia sido alertado sobre isso quando estava prestes a dar uma entrevista à revista *People*, alguns meses antes. Fui obrigado a me apresentar ao Escritório de Responsabilidade Profissional na sede da agência, em Washington, e, depois de seis meses de enrolação burocrática, recebi uma notificação. Algum tempo depois, recebi uma menção honrosa pelo mesmo caso. Mas, à época, aquele havia sido o reconhecimento do FBI pela minha ajuda na resolução do que a imprensa estava chamando de “o crime do século”.

Há tantas coisas no trabalho de um agente da lei que são difíceis de compartilhar com pessoas de fora, até mesmo com um cônjuge. Quando você

passa os dias examinando cadáveres mutilados, especialmente quando se trata de crianças, este não é o tipo de coisa que quer levar para casa. É impossível, na mesa de jantar, abrir a boca para falar algo como: “Hoje peguei um caso fascinante de abuso sexual. Deixe-me contar um pouco sobre ele.” É por isso que, muitas vezes, vemos policiais atraídos por enfermeiras e vice-versa. São pessoas que, em algum nível, conseguem se relacionar com o trabalho um do outro.

Quase sempre que eu visitava um parque ou uma floresta com as minhas filhas, por exemplo, via alguma coisa e pensava: *Parece o local onde encontramos aquela criança de oito anos*. Embora eu temesse pela segurança delas por ver as coisas que via, também tinha dificuldade em me envolver emocionalmente com as feridas da infância que eram menores, mas não menos importantes. Quando eu chegava em casa e minha esposa dizia que uma das meninas havia caído de bicicleta e precisado levar pontos, subitamente vinha-me à cabeça a autópsia de uma criança da mesma idade, e eu pensava nos pontos que o médico legista dera para fechar os ferimentos para o enterro.

Pam tinha seu próprio círculo de amigos, todos envolvidos em política regional, o que não me interessava nem um pouco. E, com todas as minhas viagens, ela era responsável por boa parte da criação das meninas, por pagar as contas e cuidar da casa. Esse era um dos muitos problemas do nosso casamento na época, e tenho certeza de que pelo menos Erika, nossa filha mais velha, notava a tensão.

Eu não conseguia me livrar do ressentimento que sentia pelo FBI por permitir que isso acontecesse comigo. Cerca de um mês depois de voltar para casa, eu estava queimando folhas no quintal. Por um impulso repentino, entrei, juntei todas as cópias de perfis que tinha em casa, todos os artigos que escrevera, levei-os para fora e os joguei na fogueira. Livrar-me daquelas coisas serviu como uma catarse.


Algumas semanas depois, quando voltei a dirigir, visitei o Cemitério Nacional de Quantico para ver o local onde eu teria sido enterrado. Os túmulos eram organizados pela data da morte, e, se eu houvesse morrido nos dias 1º ou 2 de dezembro, teria ficado em um péssimo lugar. Notei que seria enterrado perto do túmulo de uma jovem que fora esfaqueada na entrada de uma garagem perto da minha casa. Eu havia trabalhado no caso dela, e o assassinato ainda não tinha sido solucionado. Enquanto ruminava ali, lembrei-me de quantas vezes havia aconselhado a polícia a vigiar os túmulos, porque

acreditava que o assassino poderia visitá-los, e percebi como seria irônico se eles estivessem me observando e me considerando um suspeito.

Quatro meses depois do meu colapso em Seattle, eu continuava de licença médica. Como sequela e também por passar tanto tempo deitado, havia desenvolvido coágulos sanguíneos nas pernas e nos pulmões, e ainda sentia que precisava me esforçar para sobreviver a cada dia. Continuava sem saber se teria capacidade física para voltar a trabalhar. Mesmo que pudesse voltar, não sabia se estaria confiante o bastante para fazê-lo. Enquanto isso, Roy Hazelwood, do setor instrucional da Unidade de Ciência Comportamental, estava fazendo jornada dupla e carregava o peso de trabalhar nos meus casos abertos.

Fiz minha primeira visita de volta a Quantico em abril de 1984, dando uma palestra para uma equipe de cerca de cinquenta analistas de perfis a serviço de diferentes escritórios regionais do FBI. Entrei no auditório calçando sandálias, porque meus pés ainda estavam inchados, e fui aplaudido de pé por esses agentes de todo o país. A reação foi espontânea e genuína, vinda de pessoas que, mais do que ninguém, compreendiam o que eu fazia e o que estava tentando instituir dentro daquela organização. Pela primeira vez em meses, eu me senti valorizado e reconhecido. Também senti que havia retornado para casa.

Voltei a trabalhar em tempo integral um mês depois.



Assassinos e estupradores em série costumam ser os criminosos violentos mais desconcertantes, perturbadores e difíceis de capturar. Isso ocorre porque geralmente são motivados por fatores muito mais complexos do que as emoções básicas, o que torna seus padrões mais confusos e os distancia de outros sentimentos normais, como a compaixão, a culpa e o remorso.

ÀS VEZES, A ÚNICA MANEIRA DE CAPTURÁ-LOS É APRENDENDO A PENSAR COMO ELES.

“*Mindhunter* acerta em cheio, porque, bem como os grandes escritores de literatura policial, Douglas sabe: o criminologista tem que ser pelo menos tão interessante quanto o crime.”

— USA TODAY

“John Douglas sabe mais de assassinos em série do que qualquer outra pessoa no mundo.”

— JONATHAN DEMME, DIRETOR DE  
O SILÊNCIO DOS INOCENTES

NETFLIX é marca registrada de Netflix, Inc., e seus afiliados.

ISBN 978-85-510-0173-8



9 788551 001738

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)